

GÊNERO, SEXUALIDADE E DESEJO EM *GEORGETTE*, DE CASSANDRA RIOS

Mariana Souza Paim¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre o romance *Georgette*, publicado em 1956, de autoria da escritora paulista Cassandra Rios. Autora que é considerada pioneira na escrita de narrativas que visibilizam outras performatividades de gênero e das sexualidades dissidentes, produzindo uma literatura em linguagem acessível e que alcançou recordes de vendagem, Cassandra Rios buscava tecer uma escrita que se ancorava em um projeto de popularização e disputa de narrativas. Tendo como protagonista uma personagem travesti, o romance sobre o qual me debruço, investe na construção e na disputa de saberes e sentidos outros em torno do corpo, gênero, desejo e da sexualidade. Desse modo, discuto como a narrativa reelabora algumas dessas noções, partindo do diálogo, principalmente, com os estudos *queer* e as concepções de Judith Butler sobre gênero e performatividade, assim defendendo a perspectiva de que Cassandra Rios inscreve sua produção a partir de um projeto literário pautado na visibilização e na naturalização de corpos e sujeit@s considerados abjetos.

Palavras-chave: gênero; travesti; literatura; *Georgette*.

INTRODUÇÃO

Não seria exagero afirmar que hoje quando pensamos em travestilidades² e/ou experiências outras que fissuram o binarismo de gênero conseguimos, sem muito esforço, encontrar algumas sujeitas³ que estão produzindo um debate potente, seja no campo das artes ou da teoria, muito embora os espaços de visibilidade e de efetiva atuação e participação social estejam muito longe de se projetar dentro do que seria desejado. Além disso é preciso considerar que a emergência e visibilização dessas corpos e suas vozes, ao tensionarem às

¹ Professora da rede básica de educação do estado da Bahia e doutoranda no curso de Literatura e Cultura da Universidade Federal da Bahia, marianaspaime@gmail.com.

² William Peres (2005) tem proposto o termo “travestilidade” com o sentido de apontar a “multiplicidade de possibilidades” entre os mais diferentes modos de vida e de experiências de travestis, o uso desse termo busca também desvincular a travestilidade do estigma e da patologização que se relacionam a utilização do sufixo “ismo”.

³ Aqui penso em Raquel Virgínia e Assucena, d’As Bahias e a Cozinha Mineira; Liniker; Pablo Vittar; Coletividade Molotov; Jaqueline Gomes; Indianara Siqueira; Erica Malunguinho; dentre muitas outras.

construções culturais historicamente engendradas, muitas vezes ainda convivem tanto com o recorrente estigma que associa a vivência da travestilidade e da transexualidade à prostituição, quanto com a violência constante que ameaça e atinge de forma ainda mais perversa essas sujeitas dentro do espectro daquelas categorizadas enquanto abjetas⁴.

O Brasil, país que mais mata travestis e transexuais, é também aquele onde se registra o maior número de acessos a filmes pornográficos protagonizados por essas pessoas⁵. Quando buscamos no *google* pelos termos *travesti* e/ou *transexual*, o que se mostra como resultado, se divide entre uma profusão de sites de pornografia e notícias de agressões e assassinatos. Essa informação que é a cara do país em que vivemos, hipócrita, dissimulado e perversamente violento, também nos informa, de certa maneira, quais os lugares e expectativas sociais relacionadas às vivências dissidentes de gênero. Propagandeado como exemplo internacional de uma moral sexual relaxada, o Brasil, parece manter suas interdições relacionadas ao gênero e sexualidade segundo leis próprias.

Judith Butler em seu livro *Quadros de Guerra*, nos diz que nossos olhares sobre os outros são enquadrados a partir das lentes que a cultura, a sociedade e a história nos oferecem, fato é que, historicamente, existem corpos que ao não se adequarem ao regime de inteligibilidade de gênero, não são reconhecíveis enquanto vidas passíveis de serem vividas, ou seja, a violência é um resultado direto do não reconhecimento da vida e da humanidade em algumas pessoas, por isso, esses corpos também não são passíveis de serem pranteados ou enlutados. A matriz a partir da qual os sujeitos e seus corpos são engendrados se constrói através da necessária congruência entre gênero, sexo e desejo. Essa matriz funciona de forma binária e excludente, pois a atribuição do caráter de sujeito se forma de maneira simultânea ao domínio da abjeção, onde são inscritos aqueles e aquelas que não possuem o *status* de sujeito justamente por desviarem desse eixo de congruência.

O caráter de abjeto irá se vincular a todas as pessoas que rompem com o binarismo de gênero e a linha de congruência da matriz heterossexual, assim nossa sociedade categoriza como abjetos os corpos e vivências das travestilidades, transsexualidades, lesbianidades, dentre outras possibilidades de experienciar o gênero e a sexualidade para além da normatividade, sendo estas tomadas como vidas que não importam. Ter em perspectiva essa

⁴ De acordo com levantamento da ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) em 2018 foram registradas 163 assassinatos de pessoas trans no Brasil, mas é possível que os índices sejam bem maiores, em decorrência da subnotificação dos casos e da parcialidade dos registros realizados pela polícia.

⁵ Segundo dados publicizados também pela ANTRA.

reflexão e relacioná-la com a incidência da violência, nos ajuda a entender, mesmo que muito parcialmente, a forma como os assassinatos de Dandara, Kharoline, Laysa Fortuna, dentre tantas outras cujos nomes nem chegaram a serem noticiados, se configuraram em seu caráter brutal, mas também como são um reflexo de parte de uma sociedade que assiste a tudo omissa, para em alguns segundos esquecer.

Quando Mc Linn da Quebrada lança a pergunta “Quem ama uma travesti?” à plateia de seu show, nos convoca a pensar no quanto nossa subjetividade ainda se encontra alicerçada a partir dessa ideia de abjeção e da prostituição com que foram enquadradas as corpos das travestis. Nos questionarmos sobre a nossa própria produção de subjetividade é um exercício de primeira ordem, mas penso que refletir sobre a mesma é sempre também nos posicionar em relação ao tecido maior de discursos com os quais nos (con) formamos. Esta foi a principal motivação para a escrita desse texto, já que direcionou a opção por tecer um trabalho que tentasse de certa maneira ir de encontro à reflexão sobre as travestilidades, buscando através da escrita me aproximar dessa outra vivência de gênero, privilegiando a linguagem que é meu objeto de estudo e que também se constitui uma das maneiras de (me) pensar no mundo que é a literatura.

Mas buscar a presença das travestilidades em meio a literatura brasileira que ofereça uma outra possibilidade de configuração que não a informada pelo estereótipo da prostituição e das violências, se mostrou uma tarefa árdua, ainda mais quando tomamos recortes temporais um pouco mais distanciados de nosso tempo presente. Busquei em meio a literatura produzida por Cassandra Rios, uma autora considerada pioneira, no que se refere a construção de personagens e narrativas outras sobre a sexualidade e gênero e encontrei duas protagonistas identificadas enquanto travestis, Ana Maria, personagem do romance *Uma mulher diferente*, e *Georgette*⁶, do livro homônimo, publicados respectivamente nas décadas de 1970 e 1950. Aqui optei por refletir sobre o romance *Georgette*, pelo pioneirismo⁷ no que diz respeito a construção de uma narrativa protagonizada por uma personagem identificada como travesti e também porque considero que o mesmo investe de maneira potente na construção e na disputa de saberes e sentidos outros em torno do corpo, gênero, desejo e da sexualidade, em meio a construção da sua personagem protagonista.

⁶ *Georgette* foi censurado em 1976, de acordo com o parecer censório produzido, os motivos foram a descrição de uma “curra” e o fato da narrativa focalizar a vida desregrada e libertina de um homossexual.

⁷ De acordo com a pesquisa desenvolvida por Fernandes (2016, p.58), *Georgette* foi o primeiro romance publicado no Brasil a ter uma protagonista identificada como travesti.



GÊNERO, SEXUALIDADE E DESJO EM *GEORGETTE*

O romance *Georgette* foi originalmente publicado em 1956, tendo seu enredo desenvolvido a partir das vivências de uma personagem identificada enquanto travesti. A narrativa busca recompor a vida em devir de Bob/Georgette, desde a provável noite de sua concepção à morte trágica que irá interromper prematuramente a sua trajetória. A narradora cria assim uma espécie de biografia em meio a qual acompanhamos a descoberta do corpo e da sexualidade, bem como o trânsito de gênero da personagem.

O livro é dividido em dezoito capítulos, indicados por títulos que antecipam o desenrolar da trama, que seguem uma organização cronológica e são narrados em terceira pessoa, a partir de uma narradora onisciente, com uma linguagem simples e acessível. A estrutura da narrativa parece apontar assim para uma escolha que contempla a trajetória da protagonista de maneira a oferecer à nós, leitoras, a experiência de acompanhar suas vivências, pensamentos e sentimentos. Arrisco afirmar que podemos ler as escolhas formais da escrita desse romance como uma estratégia de se criar uma maior proximidade com a experiência de *Georgette* e também de levar a reflexão sobre as travestilidades a um público mais amplo.

A narrativa se inicia no ano de 1952, ambientada na cidade de Aquidauana, interior do Mato Grosso, e se volta, sobretudo, para as vivências da personagem em dois diferentes aportes temporais, a infância, onde se localizam as primeiras descobertas sobre o corpo como máquina desejante e a adolescência, quando se dão as primeiras experiências sexuais e a constante reelaboração de leituras sobre identidade de gênero e sexualidade. Cassandra Rios desde o início do romance faz um investimento no sentido de (re) inscrever outras possibilidades de vivências e discursos sobre corpo, gênero e sexualidade.

A história principia, como já falamos anteriormente, na noite em que Bob é concebido e busca afirmar o tempo inteiro a ideia de que tudo se resume ao princípio fundamental da vida, ou seja, de que não haveria possibilidade de se localizar uma possível origem para os desejos e vivências de gênero da personagem. Sendo o quarto filho do casal e dentre eles o único identificado como de gênero masculino, sobre Bob se projetam uma série de expectativas e papéis sociais com os quais se reveste a masculinidade.



Durante sua infância, primeiro período temporal ao qual se volta a narrativa, há todo um investimento em direção a demonstrar como operam e funcionam as normativas de gênero, entre brincadeiras, afazeres domésticos e interdições. Sua curiosidade, atenção e preocupação com a mãe também não deixam de serem reprimidos, sendo corrente afirmações como esta: “Meu bem, isto é para as mocinhas; eu quero que você estude para um dia ser um grande homem.” (RIOS, s/d, p. 20). Mas Bob desde muito cedo parece “estranhar” e não se conformar com os papéis de gênero tão demarcados na convivência com a família, mesmo tendo sua curiosidade e interesses constantemente interditados pela norma.

É interessante perceber também como a narrativa aponta a família e a escola como lugares privilegiados da docilização dos corpos às normas hegemônicas ditadas por uma pedagogia perversa, mas é nesse mesmo ambiente de disciplina e vigilância, que a sexualidade será despertada, provocando ao mesmo tempo a reflexão sobre a existência e vivência da sexualidade na infância, apesar dos silêncios e das proibições. Assim, será no início da vida escolar, aos oito anos, que Bob reconhecerá o desejo por Artur, um colega dois anos mais velho, que tenta penetrá-lo, mas também a sua interdição, já que “Ele sabia por si, por algo que lhe avisava interiormente, que aquilo era proibido. [...]” (RIOS, s/d, p. 33), demonstrando desde então a internalização e naturalização das normas sociais que interditam o desejo homo-orientado.

Outro abalo importante empreendido pela narrativa é aquele relacionado a ideia de família. O pai de Bob é caracterizado como um homem rico e boêmio, enquanto a mãe, Maura, é tomada como ingênua e modesta, uma espécie de Penélope que amava-o desesperadamente e que fiava as noites a sua espera. Ao mostrar uma família nuclear que é socialmente considerada o modelo conjugal ideal, envolta em sofrimento, traições, bebedeiras e jogatinas, a narrativa opera no sentido de expor o quanto dessa construção se alicerça em meio a abusos e desajustes de toda ordem. Será o abandono total da família pelo pai e as consequentes dificuldades financeiras encontradas pela família, um dos marcadores da juventude de Bob.

A segunda temporalidade da trama, a juventude de Bob, será um momento de angústias, inquietações e também da busca por uma experiência corporal e afetiva em conformidade com sua subjetividade e anseios. Bob procura na leitura uma explicação para a forma como se sente, recorre a livros diversos, mas os confronta com a suas experiências e

vai, ele próprio, elaborando suas concepções em torno do desejo sentido por outros homens. Afinal, “Por que teriam os homens que amarem as mulheres? (RIOS, s/d, p. 47).

Há toda uma tentativa de naturalizar o desejo a partir de sentimentos valorizados socialmente, como o amor. Essa reversão das construções em torno do desejo se faz presente em diversas outras narrativas da autora, nas quais as personagens mostram uma visão de que o amor homossexual deveria ser visto socialmente como algo natural, pois deveria ser considerado apenas uma outra forma de amar, dentre tantas outras. Bob em grande parte do livro parece se identificar como homossexual, apesar de em vários momentos se sentir como mulher. É interessante perceber como a autora elabora sua própria teoria sobre sexualidade/gênero como algo em processo, construída através da vivência.

Será a partir das experiências e consequente produção de identificação com comportamentos, vestuário e desempenho de atividades socialmente consideradas como femininas, que Bob irá fluir em direção ao seu *devir*⁸ *Georgette*. A palavra travesti só aparece no final do livro, sendo acompanhada pelo pronome masculino, uma marca da própria época. Foi a partir da experiência de se montar a primeira vez que Bob sente “A ilusão de que era toda uma verdadeira mulher. [...] Era *mulher*. Fizera-se *mulher*.” (RIOS, s/d, p. 174). Mas essa experiência de montagem envolveu todo um estudo direcionado à apreensão dos gestos de corpo, roupas e maquiagem inspirada nas divas do cinema e da moda do momento. Bob também faz uso dos recursos e tecnologias de montagem à época como: maquiagem, peruca, enchimento para moldar os seios e quadris com espuma.

Ao trazer o processo de montagem para o centro da cena a narrativa expõe o quanto a performance de gênero encontra-se calcada em uma aprendizagem que é sobretudo cultural, o que faz com que se considere que o corpo é uma superfície onde os gêneros são produzidos. Segundo Butler,

Ao imitar o gênero, a *drag* revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero - assim como sua contingência. Aliás, parte do prazer, da vertigem da performance, está no reconhecimento da contingência radical da relação entre sexo e gênero diante das configurações culturais de unidades causais que normalmente são supostas naturais e necessárias. No lugar da lei da coerência heterossexual, vemos o sexo e o gênero desnaturalizados por meio de uma performance que confessa sua distinção e dramatiza o mecanismo cultural de sua unidade fabricada. (BUTLER, 2013, p. 237)

⁸ Em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, Judith Butler, desenvolve o conceito de *devir* para se referir às performatividades que transitam de um estereótipo de gênero ao outro, como a travestilidade, e o confronto que as mesmas operam em meio as categorias tradicionais de gênero.



Mesmo se referindo a experiência de montagem das *drags queens*, a reflexão da Butler nos interessa, pois nos ajuda a compreender como a performance da personagem, ao imitar o gênero partindo das noções correntes em torno da ideia de feminilidade, o (re) elabora e ao mesmo tempo visibiliza e o expõe, sobretudo, enquanto uma construção cultural. Esse jogo da construção de gênero presente na narrativa contribui para a desnaturalização do gênero e a necessidade de coerência heterossexual. A travestilidade experienciada por Georgette, ao reinventar o corpo, visibiliza assim a descontinuidade entre sexo, gênero e sexualidade com a qual a norma hegemônica busca as/nos conformar.

A narrativa também trata da abjeção e das diversas violências com a qual Georgette se depara. A personagem ao reconhecer seus desejos sente que deve se afastar da família para poder vivenciar a travestilidade e a sexualidade de maneira mais liberta, o que faz com sinta uma profunda sensação de solidão. Além disso, ela sofre uma série de violências, físicas e psicológicas, como abuso e estupro. O medo da violência que pode ser encontrada nas ruas, faz com que passe os dias trancada em um apartamento, vivendo a experiência de gênero que escolheu para si, mas ao mesmo tempo tendo internalizado a ideia de que não haveria lugar no mundo para alguém como ela.

Mas para além dos estigmas e traumas internalizados, Georgette se coloca em uma posição de agência, ao afrontar seus agressores e também ao articular um discurso próprio sobre a violência e as normas que a legitimam. Após o estupro coletivo ela pergunta: “[...] Qual deles entre os quatro seria o mais tarado e anormal? Ele, o pervertido, a inocente vítima, ou aqueles quatro desordeiros que saíam à noite à cata de motivo para praticar as mais desabusadas loucuras?” (RIOS, s/d, p. 114). Georgette expõe assim como os discursos sociais em torno dos corpos inconformes às normativas de gênero e da sexualidade justificam e direcionam as agressões, como já foi dito anteriormente, mas ao tempo ela os interpela, ao lançar a pergunta de volta a seus agressores, quem é mesmo o anormal?

A questão da agencia e da autodefinição da personagem é outro viés central na narrativa, já que há um grande investimento no sentido de narrar todo o seu processo de autopercepção e construção identitária. Em diversos momentos Georgette se questiona sobre a origem de seus desejos, sensações e de si e busca encontrar respostas em meio as mais diversas leituras e opiniões. Mas ao final acaba reconhecendo que “[...] não se contentava com justificativas e acabava se autodefinindo que era assim porque era assim, simplesmente.”



(RIOS, s/d, p. 105). De forma similar, irá se dar a escolha de seu nome, quando começa a se travestir, Clóvis, um personagem com quem mantinha relação sexual e afetiva, sugere que escolha um novo nome e lhe dá algumas opções, mas ela as recusa e escolhe ela mesma “Georgette”, pela ambiguidade e por metaforizar para ela uma junção entre a masculinidade e a feminilidade.

(IN) CONCLUSÕES

Busquei ao longo desse trabalho refletir sobre o romance *Georgette* procurando apontar como o mesmo investe na construção e na disputa de saberes e sentidos outros em torno do corpo, gênero, desejo e da sexualidade. Tentei demonstrar assim, como a narrativa abala os discursos hegemônicos acerca da ideia de família e dos saberes autorizados e legitimados historicamente a falar sobre os outros, principalmente os sujeitos inscritos socialmente dentro do espectro da abjeção.

Georgette é uma narrativa que inova sobretudo por apresentar uma personagem que se identifica enquanto travesti na década de 1950, mas que a apresenta dotada de agência, com uma trajetória que se reflete e segue em direção a procura por exercitar seu poder da autonegação e definição em termos próprios. Georgette, também ao longo de seu *devoir*, não apenas afronta os discursos e expectativas sociais, mas os expõe e subverte, assim buscamos nuançar como a autora elabora sua própria teoria sobre sexualidade/gênero como algo em processo, construída através da vivência.

Há também toda uma tentativa de naturalizar o desejo a partir de sentimentos valorizados socialmente, como o amor. Essa reversão das construções em torno do desejo se fazem presentes em diversas outras narrativas da autora, nas quais as personagens mostram uma visão de que o amor homossexual deveria ser visto socialmente como algo natural, pois deveria ser considerado apenas uma outra forma de amar, dentre tantas outras.

Cassandra Rios inscreve sua produção a partir de um projeto literário pautado na visibilização e na naturalização de corpos e sujeit@s considerados abjetos, o que dá-se a ler na escolha da estrutura da narrativa, com uso de uma narradora onisciente e escrita em uma linguagem simples e acessível, que busca criar uma sensação de maior proximidade entre um possível público leitor e a experiência de *Georgette* e também de levar a reflexão sobre as

travestilidades a um público mais amplo. Acredito que Cassandra Rios buscava tecer uma escrita que se ancorava em um projeto de popularização e disputa de narrativas.

Por fim, reafirmo a perspectiva de que Cassandra Rios inscreve sua produção a partir de um projeto literário que ao se pautar na denúncia da hetero-cis-normatividade, contribui ao mesmo tempo para a invenção de possíveis. Afinal, como afirma Suely Rolnik, é aí que está “[...] o poder de contágio e de transformação de que é portadora a ação artística. É o mundo que está em obra por meio desta ação.” (ROLNIK, 2006, p. 2). A literatura de Cassandra Rios ao nos oferecer a possibilidade de encontrarmos discursos outros sobre diferentes experiências em torno da sexualidade e do gênero, nos ajuda a repensar e reelaborar outras formas de pensarmos sobre essas e também as nossas vivências.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

_____, Judith. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. *Um percurso pelas configurações do corpo de personagens travestis em narrativas brasileiras do século XX. (1960-1980)* Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2016.

RIOS, Cassandra. *Georgette*. São Paulo: Editora Reccord, s/d.

ROLNIK, Suely. *Geopolítica da cafetinagem*. In: FURTADO, Beatriz; LINS, Daniel (orgs.). *Fazendo Rizoma: pensamento contemporâneo*. São Paulo: Hedra, 2006.

Site da ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) - <https://antrabrasil.org>



PERES, William. *Subjetividade das travestis brasileiras: da vulnerabilidade dos estigmas à construção da cidadania*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.